

As comunidades de origem japonesa

- para entender os anglicanos japoneses e seus descendentes no Brasil

Carmen Kawano*

Churrasco, farofa e *makizushi*¹. Essa tríade presente nas confraternizações de muitas das paróquias anglicanas paulistas aponta para a realidade de comunidades que mesclam seus costumes em um país bastante diverso. Revela também a grande quantidade de japoneses e seus descendentes, que fazem ou fizeram parte da história da Igreja em São Paulo. E essa combinação de cardápio torna-se cada vez mais natural também nos meios onde não há muitos japoneses ou descendentes, na medida em que o Ocidente, e de quebra o Brasil, passa a apreciar cada vez mais a culinária japonesa.

Mas, por enquanto, o programa com o qual escrevo este texto ainda sublinha em vermelho a palavra *makizushi*, indicando-a como inexistente em seu banco de dados de língua portuguesa do Brasil, o que me faz pensar que devo destacá-la realmente como *makizushi*, palavra estrangeira, ainda não pertencente ao vocabulário comum dos brasileiros. Porém, ao testar as palavras lasanha, cuscuz ou quibe, o programa não dá o sinal de alerta.

Se o *makizushi* ainda não entrou para o nosso vocabulário oficial, ou para o banco de dados do *word*, é muito provável que em breve entrará, desde que os pratos japoneses passam a fazer parte do cotidiano de um número cada vez maior de pessoas. Mas a mesma previsão não se pode fazer com relação à completa aceitação dos descendentes de japoneses pela sociedade brasileira, ou seja, o reconhecimento completo desses cidadãos como sendo brasileiros.

Este artigo não pretende ser gastronômico, mas, a partir deste gancho, quer fazer uma reflexão sobre as comunidades anglicanas de origem japonesa no Brasil, para tentar entender ou vislumbrar as suas relações com a cultura brasileira.

* A Revda. Carmen Kawano é Diácona da Diocese Anglicana de São Paulo, bacharel e licenciada em História e em Teologia pela Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção.

¹ Bolinho de arroz japonês, envolto em uma folha de algas

Para cumprir este objetivo, é necessário, inicialmente, fazer algumas diferenciações nos termos relacionados a essas comunidades, e resgatar um pouco do seu passado. Também é importante trazer à tona fatos sobre a presença japonesa no Brasil e as discussões acerca da imigração e formação da identidade nacional brasileira. É necessário, na verdade, a partir desse histórico, tentar entender o japonês e o descendente, e a vivência de sua religiosidade anglicana no Brasil.

As comunidades de origem japonesa

Principalmente no Estado de São Paulo e em algumas cidades do Paraná, existem várias comunidades anglicanas de origem japonesa ou paróquias fundadas em locais onde muitos imigrantes viviam. Nessas regiões, é notória a grande quantidade de japoneses e/ou seus descendentes que estão ou pelo menos receberam o batismo na Igreja Anglicana.

Antes de prosseguirmos, é importante estabelecermos uma importante diferenciação entre comunidades japonesas e comunidades onde há uma grande quantidade de descendentes de japoneses. As primeiras são formadas por japoneses propriamente ditos, imigrantes que vivem no Brasil mas conservam sua cidadania japonesa, e celebram em japonês. Nas últimas, os descendentes são cidadãos brasileiros, e são melhor designados como *nikkeis*². Naturalmente, nessas comunidades, as celebrações acontecem em língua portuguesa.

O fato de hoje haver muitos japoneses e descendentes anglicanos no Brasil é resultado de um trabalho missionário que começou em 1923, com a chegada do primeiro missionário japonês ao Brasil (KAWANO 2008:25-29). João Yasoji Ito foi pioneiro nesse sentido, entre todas as Igrejas, cristãs ou não.

A partir desse ano, houve um trabalho missionário intenso da Igreja com a população de imigrantes no Estado de São Paulo e norte do Paraná (TSUBOUCHI, 1970). O trabalho incansável de Yasoji Ito para evangelizar a grande quantidade de imigrantes que viviam aqui causou a conversão de muitas pessoas, e hoje seus descendentes continuam a fazer parte dessa Igreja.

² Literalmente, descendentes de japoneses, filhos, netos, bisnetos, e assim por diante. O termo está sendo cada vez mais utilizado, principalmente em estudos acadêmicos sobre essa população

A evangelização se deu em uma época em que a imigração era intensa, e as condições de vida e trabalho dos japoneses, assim como do missionário, não eram nada fáceis. Mas as missões japonesas tiveram grande apoio da Igreja, através do bispo Kinsolving (cf KICKHÖFEL, 1995:143-144). Em seguida, o bispo Thomas, seu sucessor, não mediu esforços para que o trabalho prosseguisse, chegando a passar mais de um mês por ano em visitas a todas as missões nas colônias japonesas do Estado de São Paulo e norte do Paraná (MIZUKI, 1978:42-47).

Uma análise do trabalho de Yasoji Ito com os imigrantes aponta razões para os excelentes resultados alcançados: dedicação sem medida, pregações em escolas e locais de reunião dos japoneses, e sermões que falavam direto ao coração dos agricultores (MIZUKI, 1978:34).

Além disso, passados os primeiros tempos da evangelização, Ito coordenou a formação de outros ministros japoneses, que vieram ao Brasil inicialmente como imigrantes agricultores, e que foram, posteriormente ordenados para trabalhar nas missões e paróquias japonesas já estabelecidas, assegurando o cuidado pastoral aos imigrantes e seus filhos (YUBA, 1993).

No período da Segunda Guerra, com a proibição de se utilizar a língua japonesa em território nacional, os cultos passaram a ser realizados em língua portuguesa. Com o fim do conflito, muitas comunidades voltaram a celebrar em japonês. Mas para Yasoji Ito, os descendentes deveriam passar pelo processo de assimilação à cultura majoritária brasileira, e os cultos em português deveriam continuar. Foi o que aconteceu na Paróquia de São João, em São Paulo, que passou a celebrar nas duas línguas, o que acontece até hoje.

Até as décadas de 60 e 70, eram muitos os anglicanos japoneses, convertidos através de Yasoji Ito e seus sucessores, desde a década de 20. Porém, com a diminuição da imigração japonesa, principalmente a partir da Segunda Guerra, o envelhecimento e óbitos dos que chegaram anteriormente, as comunidades com celebrações em japonês foram vendo seus membros diminuir. Hoje, na verdade, as comunidades japonesas são pequenas, e grande parte de seus membros chegou ao Brasil após a Segunda Guerra.

Entre os japoneses imigrantes que chegaram antes da Segunda Guerra e os que chegaram depois do conflito, existem grandes diferenças. Obviamente as condições, circunstâncias e os motivos da imigração foram muito diferentes entre o período anterior e o posterior, o que inevitavelmente se reflete na vida dos imigrantes desses dois tempos.

Atualmente a maior parte dos *nikkeis* anglicanos é formada por descendentes de segunda ou terceira geração. Essas gerações naturalmente apresentam diferenças, entre uma e outra, na maneira de ser e de se comportar. Evidentemente, também há diferenças entre essas gerações e os japoneses propriamente ditos.

Entretanto, opiniões indicam que tanto as comunidades japonesas como algumas das que possuem grande número de membros *nikkeis* tendem a apresentar um fechamento em si mesmas. Isso pode dificultar as relações e até a missão dentro do espectro multicolorido da cultura brasileira.

Portanto, vale uma reflexão sobre as causas desse fechamento.

Por que algumas comunidades de origem japonesa são fechadas

Essa questão tem muito a ver com a natureza dos japoneses e sua cultura, que inevitavelmente os descendentes herdaram, em pequenas ou grandes doses. Mas também não se pode desprezar a história da imigração japonesa nesse país.

É reconhecido que os japoneses, ao longo da história do Japão, não são pródigos em abrir sua cultura para as pessoas que não fazem parte dela. O exclusivismo é algo marcante na sociedade japonesa. Talvez esse fato seja decorrente dos longos períodos de fechamento dos portos japoneses e isolamento insular do país no decorrer de sua história. Por longos períodos, o governo impediu que houvesse contato entre a população japonesa e os estrangeiros.

A característica exclusivista do povo japonês pode ser visto quando uma família passa um período de alguns anos fora do país. Quando ela volta para o mesmo lugar de onde saiu, não é mais considerada exatamente japonesa. Além disso, quando um estrangeiro vai morar no Japão, principalmente na região de Tóquio, é comum as pessoas

a sua volta procurarem diferenças entre elas e o novo vizinho, e não semelhanças. Dificilmente vão procurar semelhanças entre eles, o que poderia facilitar a aproximação e o fazer com que o estrangeiro se sinta mais em casa.

Por outro lado, a história da imigração japonesa no Brasil está recheada de dificuldades e choques culturais. Não poderia ser diferente. Os dois países têm históricos e costumes completamente diferentes. Quando os imigrantes japoneses aqui encontraram uma realidade extremamente distante da que estavam acostumados, com hábitos, língua, valores muito diferentes, começaram a aparecer as inúmeras dificuldades de adaptação à nova terra e de relacionamento com o povo brasileiro.

Também no Brasil a postura de caráter exclusivista do povo japonês foi comum nos imigrantes. Mesmo aqui, os japoneses, e ainda hoje muitos descendentes, se referem ao não descendente como *gaijin*, que significa literalmente “pessoa de fora”.

É sabido que, até a Segunda Guerra, quase todos os imigrantes não tinham a intenção de viver para sempre no Brasil, ou adotar esse país como seu. As duras condições de vida e de trabalho na agricultura só contribuía para aumentar o desejo de voltarem o quanto antes ao Japão. Assim, também não era interessante para eles o contato com os não japoneses, e a relação com a sociedade brasileira não estava em seus planos. A vida nas colônias só colaborava para aumentar o isolamento desses imigrantes.

Assim, os filhos dos japoneses também não eram incentivados a interagir com a sociedade brasileira. Porém, isso já não aconteceu com os netos dos japoneses, ou a terceira geração em diante. A derrota do Japão na Segunda Guerra colocou fim ao sonho dos imigrantes de voltarem ao país de origem.

Porém, o fato é que a política do governo imperial japonês com relação aos súditos que emigravam era bem diferente desse sonho de regresso à terra natal (DEZEM, 2005). No contexto da situação de superpopulação no Japão, o governo japonês pensava a emigração para o Brasil como uma forma de aliviar as tensões sociais originadas pela Revolução Meiji (1866-1869), especialmente no campo. Com esse intuito, o Japão adquiria terras brasileiras e facilitava os títulos de propriedade para os que se dispunham a emigrar. Desta forma, o governo japonês pretendia a fixação dos imigrantes nesta terra

e, portanto, não estava nos planos de Tóquio o regresso dessa população que era excedente no Japão.

Além disso, desde o fim do século XIX, o Japão adotou uma postura militar agressiva e de conquistas de territórios vizinhos. O país montou seu exército imperialista e passou a ocupar espaços pela Ásia, o que pode ser visto pela vitória do Japão na guerra russo-japonesa e suas conquistas na Manchúria.

Mesmo não cientes das estratégias governamentais, e almejando um dia retornar ao Japão, os imigrantes tinham a mentalidade imperialista embutida em si quando vieram a se estabelecer nas colônias, desde o início do século XX. Pelas imagens das colônias, registradas em fotografias tiradas principalmente em festividades como o dia do imperador e feriados nacionais japoneses, é fácil perceber a característica nacionalista e imperialista dos imigrantes que, mesmo aqui, continuavam a render culto ao imperador, com a bandeira do Japão hasteada.

Os imigrantes que chegaram até o início da Segunda Guerra cresceram e foram educados dentro do sistema imperialista japonês. Acreditavam que o governante do país tinha origem divina, e que o Japão nunca sofreria uma derrota. Isso explica a tendência conservadora de muitos *nikkeis* de segunda geração, filhos de imigrantes anteriores à Segunda Guerra.

No entanto, existe ainda outro fator importante a ser considerado quando buscamos as razões da característica fechada das comunidades anglicanas japonesas e *nikkeis*. E esse fator tem a ver com o modo como o Brasil recebeu a imigração japonesa no decorrer do tempo e como a sociedade brasileira viu e vê os japoneses e seus descendentes.

Nesse ano que passou, quando a imigração completou cem anos, além das festividades que marcaram a data, aconteceram muitas discussões e reflexões sobre a presença, influência e contribuição dos japoneses e seus descendentes no Brasil. E muitas publicações acadêmicas acerca da discriminação sofrida pelos imigrantes e pelos *nikkeis* foram destacadas.

A história da discriminação e repressão a partir do governo brasileiro com relação

aos imigrantes japoneses e o tom pejorativo com que parte da imprensa e algumas publicações trataram essa população eram pouco conhecidos e pesquisados até há pouco tempo. E o sofrimento impingido a essa população foi abafado e silenciado, inclusive dentro da própria comunidade de japoneses e descendentes.

Mas nos últimos anos, os dados e informações referentes aos atos do governo e da imprensa saíram dos arquivos para as teses e dissertações acadêmicas. Além disso, os textos e livros publicados por estudiosos brasilianistas também acabaram despontando em meio às discussões e reflexões sobre a imigração japonesa.

A discriminação, que acontece até hoje, manifesta através de estereótipos (OLIVEIRA, 2008), acabou somando mais pontos à característica já fechada dos japoneses, fazendo com que estes e seus filhos se tornassem ainda mais inibidos e se juntassem como grupo, como uma forma de reação ou de defesa diante de um Estado repressor e dentro de uma sociedade em que eles não se sentiam confortáveis.

Lesser aborda a imigração de povos não europeus no Brasil – de origem árabe e asiática -, e como esses imigrantes buscaram definir sua posição dentro da identidade nacional, causando reações a essas tentativas (LESSER, 2008). Com um enfoque especial na imigração de japoneses, traz, assim o tema da negociação da identidade nacional, onde políticos e intelectuais discutem a natureza dos asiáticos. Para a pergunta se a identidade nacional brasileira inclui os de ascendência não europeia, a resposta é um sim condicionado.

Desde o evento da Proclamação da República, sob o clima do evolucionismo cultural, positivismo e ares republicanos, em um país que acabava de abolir a escravatura e queria “enbranquecer” a população, obviamente os asiáticos e médio orientais não eram bem-vindos. Em uma retrospectiva desde o fim do século XVIII sobre a imagem que se tinha dos japoneses, ou seja, mesmo antes destes começarem a chegar como imigrantes a este país, o autor descreve os debates entre políticos e intelectuais brasileiros sobre a aceitação ou não dos imigrantes japoneses.

Dezem analisa o preconceito contra os imigrantes japoneses e chineses no Brasil, procurando um entendimento do porquê de tal discriminação (DEZEM 2005). Faz um estudo do período Vargas, quando alemães, italianos e japoneses, dentro do território

nacional, se tornam inimigos do Estado.

Já na década de 30, intensificou-se a discussão do tema “perigo amarelo”. Em tempos de ascensão do sentimento de nacionalismo, havia intelectuais e políticos (e médicos eugenistas) que consideravam os imigrantes japoneses como uma ameaça à soberania nacional. Mas uma verdadeira repressão aos imigrantes e seus descendentes foi imposta em 1937 pelo Estado Novo ditatorial de Vargas. Mesmo antes da Segunda Guerra, os japoneses e seus descendentes sofriam sérias restrições em seus direitos neste país.

Segundo Dezem, o Estado Novo se preocupava com o que chamava de “espírito de brasilidade”, que deveria ser impregnado nos diferentes grupos étnicos existentes no Brasil. Este foi o período em que o discurso antinipônico atingiu o seu ponto mais alto no país.

Takeuchi descreve os discursos antinipônicos de líderes políticos e intelectuais que chegavam a se valer das conquistas do Japão e seu caráter imperialista expansionista como argumentos para provar que os imigrantes japoneses representavam uma ameaça à soberania nacional brasileira (TAKEUCHI, 2008). Além disso, como os negros, os japoneses eram classificados por aqueles contrários à imigração e preocupados com a formação da nacionalidade brasileira como racionalmente e eugenicamente inferiores, psicologicamente desequilibrados, pertencentes a um grupo étnico não confiável, traiçoeiro e ainda não assimiláveis.

Além disso, a autora apresenta ilustrações e imagens publicadas no período Vargas sobre a população japonesa no Brasil, que revelam a formação de opinião e a construção de idéias deturpadas acerca desses imigrantes.

Neste clima de repressão e discriminação, inclusive de Estado, intensificam-se os isolamentos das colônias japonesas. Para Lesser (2008), os imigrantes tornaram-se mais japoneses como uma reação contra a ordem pública. O culto ao imperador era uma forma de se preservar a identidade **de** desse grupo.

Desta forma, uma população que desde o início não tinha interesse em interagir com a sociedade brasileira passa a ser muito mais reclusa e fechada em si mesma, até

em uma atitude de precaução e defesa.

Com relação aos imigrantes posteriores à Segunda Guerra, estes provêm, na grande maioria, das cidades japonesas e não do campo, e, em geral, possuem, pelo menos, algum grau de qualificação técnica. Dependendo do ano em que deixaram o Japão, viveram diferentes situações de penúria ou dificuldades do pós-guerra. No entanto, em poucas décadas, perceberam, ainda neste lado do mundo, o seu país (Japão) se tornar uma potência econômica. Evidentemente as condições encontradas aqui e a imagem que se tinha do japonês já eram outras daqueles primeiros tempos passados da imigração. Pode-se dizer que eles desfrutaram da boa imagem do Japão mais recente.

O *nikkei* hoje

A grande maioria dos próprios *nikkeis* desconhece esse histórico da imigração, discriminação e repressão, que se mantinha arquivada e também abafada. Mas, mesmo quando se defrontam com essas informações, muitos *nikkeis* reagem negando qualquer tipo de discriminação sofrida no passado ou atualmente. Preferem continuar acreditando somente na “história oficial” contada nas festas comemorativas. Aqueles que se propõe a revelar e discutir a outra parte da história não são bem-vindos à comunidade festiva.

No entanto, toda aquela situação vivida no passado ainda repercute nas gerações atuais, assim como a forma como a sociedade brasileira vê o *nikkei* hoje, influenciando o comportamento desses brasileiros. Hoje, pode-se dizer que o *nikkei* continua vivendo um problema de identidade. Seria como se sentisse flutuando, como uma rolha à deriva em alto mar, sem terra firme. Isso porque definitivamente não é japonês. Mas ao mesmo tempo, aqui no Brasil é assim denominado ou identificado. Ele não é totalmente aceito dentro da sociedade brasileira.

A questão é que o *nikkei* não é considerado como parte da matriz étnica formadora da sociedade brasileira, o tripé branco, negro e índio. E no Brasil, costuma-se identificar as pessoas pelo fenótipo ou pelas características externas ou físicas (OLIVEIRA 2008). Neste sentido, o fenótipo do *nikkei* o torna imediatamente excluído dessa matriz, podendo ser logo identificado como “diferente” dos outros brasileiros, o que é mais difícil acontecer com os brasileiros de origem árabe ou semita, também não-europeus.

Desta forma, não importa quantas gerações se passem no Brasil, o *nikkei* sempre será visto como, na melhor das hipóteses meio estrangeiro ou meio brasileiro. Nunca será aceito completamente como brasileiro. O ponto é que também muitos *nikkeis* até preferem ser identificados como japoneses, e querem ser japoneses. Mas existem os que desejam muito serem considerados absolutamente brasileiros.

E como ficam os anglicanos de origem japonesa?

Como já explicado anteriormente, a maioria dos anglicanos *nikkeis* são da segunda ou terceira geração de imigrantes japoneses no Brasil que chegaram no período anterior à Segunda Guerra. Os filhos de japoneses foram evangelizados junto com seus pais, levados por estes à Igreja ou ainda alguns antecederam seus pais no anglicanismo. Já os netos (e bisnetos) foram levados à igreja por seus pais.

Mesmo os imigrantes e descendentes que se tornaram cristãos anglicanos acabaram conservando grande ou pouca influência dos fatores ligados à natureza do japonês e às condições em que se deu a imigração e a discriminação e repressão, explicados anteriormente, no modo como se relacionam, ainda hoje, dentro das comunidades *nikkeis* e da sociedade brasileira. Principalmente os filhos dos imigrantes foram os mais atingidos nesse sentido.

Para os anglicanos da terceira geração em diante, a sorte é que o fato de seus pais e avós “se tornarem anglicanos” ajudou estes *nikkeis* a se libertar da vida espiritual japonesa por não terem recebido de seus antepassados a bagagem religiosa anterior à conversão ao cristianismo. Assim, parece que conseguiu se desligar da terra natal de seus antepassados, no sentido de não considerá-la como sua, e se livrou do “espírito japonês”, com aquele tom nacionalista de amor e lealdade à pátria e seus valores, que não nos pertencem, assim como todo o modo de se comportar e de ser do japonês.

Mas hoje, muitos *nikkeis* batizados estão afastados da igreja. Só participam das celebrações quando há culto em memória de algum antepassado. De fato, as igrejas costumam ficar cheias com os cultos em memória, hábito ou valor que vem da cultura japonesa, de um certo budismo ainda impregnado ou persistente, que realiza o culto aos antepassados, com a forte idéia de respeito e agradecimento. Na verdade, no ofício de sepultura e nos cultos em memória, permanecem muitos costumes japoneses.

Entretanto, o fato de uma comunidade de origem japonesa ser mais aberta ou menos aberta do que outra pode depender de onde esta se localiza. As colônias do interior do Estado de São Paulo, por exemplo, sofreram muito mais com a repressão e a discriminação de Estado do governo Vargas, por volta da Segunda Guerra, o que foi experimentado em menos escala na capital paulista e regiões mais próximas. Note-se que muitas famílias de imigrantes do interior acabaram se transferindo para a cidade de São Paulo, e hoje, seus membros e descendentes fazem parte de paróquias localizadas na capital.

Com relação às comunidades de japoneses imigrantes anglicanos posteriores à Guerra, se algumas delas são de difícil relacionamento no Brasil, ou não se interessam por uma interação, pode ser por causa da forte ligação que conservam com o seu país de origem, melhor posicionado no ranking econômico internacional.

Conclusão

A história da presença japonesa no país e as experiências vividas pelos imigrantes e seus descendentes podem ser explicativas para o modo de se relacionar dos japoneses e seus descendentes no Brasil.

Para as comunidades anglicanas de origem japonesa, ainda que algumas ou muitas delas tenham dificuldades para se abrir a um relacionamento com pessoas de diferentes origens, o fato de os antepassados dos membros dessas comunidades terem se tornado cristãos e anglicanos pode ter significado uma grande mudança na perspectiva e percepção de vida no Brasil desde a época da conversão. Pelo menos os hábitos religiosos mudaram, e o culto ao imperador e a idolatria ao país de origem acabaram.

Hoje, talvez muitos anglicanos *nikkeis* de terceira geração em diante são, em geral, abertos e não muito complicados. Não parecem querer ser japoneses, e têm certa resolução quanto à identidade. Essas condições são facilitadoras para o relacionamento com brasileiros de outras etnias, sem discriminações e isolamentos em grupos formados unicamente por *nikkeis*.

Já para as comunidades formadas por imigrantes recentes, talvez seja ainda difícil

seus membros se desligarem do Japão e passarem a participar de fato da vida deste país em que estamos. Nas últimas décadas o Japão despontou como potência econômica, e a sua imagem atual pelo mundo inteiro parece ser de um país bonito, tecnológico, avançado.

Aliás, a apreciação atual da culinária japonesa no Ocidente vem dessa imagem atual do Japão como segunda potência mundial. Também no Brasil, o status atual dos *sushis* e *sashimis* se deu através das imagens de Hollywood, depois que o Japão se desenvolveu após a Segunda Guerra.

Mesmo que tenha se tornado freqüente em restaurantes caros do Brasil vindo por outras vias, e não por causa da imigração japonesa ao Brasil, um dia, o makizushi pode até se tornar brasileiro de verdade, da mesma forma que a lasanha, o cuscuz e o quibe. Mas dificilmente o *nikkei* será um dia considerado totalmente brasileiro.

Essas considerações podem ser importantes nas reflexões sobre as relações das comunidades anglicanas de origem japonesa com a sociedade e a cultura brasileiras.

Bibliografia:

DEZEM, Rogério., *Matizes do "amarelo", A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*, São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2005, Coleção Histórias da intolerância, vol. 4.

KAWANO, Carmem, *Seikokai, a história da primeira construção religiosa dos japoneses no Brasil*, São Paulo, Maluhy, 2008.

KICKHÖFEL, Oswaldo, *Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*, Projeto Memória, Porto Alegre, IEAB, 1995.

LESSER, Jeffrey., *A negociação da identidade nacional*, São Paulo, Unesp, 2000.

MIZUKI, John, *The Growth of Japanese Churches in Brazil*, South Pasadena, William Carey Library, 1978.

OLIVEIRA, Adriana C., "Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório", *Seminário Internacional Migrações e Identidades: Conflitos e Novos Horizontes, em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*, Universidade de São Paulo, 2008.

TAKEUCHI, Marcia. Y. *O perigo amarelo, Imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*, São Paulo, Editora Humanitas, 2008, Coleção Histórias da repressão

e da resistência, vol. 7.

TSUBOUCHI, Tadaji, *org.*, *Zai haku hojin kaitaku dendosha no shogai* (tradução livre: A vida de um missionário japonês desbravador no Brasil), São Paulo, Paróquia de São João, 1970

YUBA, Estevam. S., *O imigrante que virou pastor*, São Paulo, Traço a Traço Editorial, 1993.